

JACÓ NO LABIRINTO I

J. B. de Souza Freitas

Escritor, ex-jornalista

E-mail: jbdesouzafreitas@gmail.com

Inexistência dos onipresentes televisores permanentemente ligados, quer seja nos lares, nos bares, nos mares e em todos os lugares?

Certo que em tempos anteriores tal função era cumprida pelos aparelhos de rádio: veículo então de penetração ampla e irrestrita, cujas ondas eram disputadas por emissoras regionais, estaduais e, sobretudo nacionais,

44

Pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, justamente, às segundas à noite, o *Balança, mas não cai*. “No super-extra-hiper-ultra-apartamento do primo rico, entra o primo pobre.”

Captada nas tardes de Lindoia, a Rádio Clube de Itapira — programa cujo prefixo lançava mão do choro sob o tema *Look for stars*, com execução a cargo da orquestra de Billy Vaughn —, atendia pedidos que os distintos ouvintes (e os ouvintes eram sempre distintos) encamiavam para ela por meio de cartas.

E que pedidos e que oferendas: “Alguém oferece a alguém, como prova de muito carinho”; “Ofereço à minha

irmãzinha Jandira, desejando-lhe muitas felicidades por ocasião de seu natalício”.

E dá-lhes “Tu me acostumbraste”, com Lucho Gatica; “Canção da criança”, com Chico Alves, e por aí.

Nisso tudo, sobressaía o diferencial de tal veículo radiofônico: ele era ouvido e não assistido. Entronizado geralmente na sala, o aparelho, tal como hoje a televisão, costumava ficar ligado a maior parte do tempo.

Vantagem maior: para ouvi-lo, a mulher poderia estar na cozinha, preparando o jantar; as crianças a cuidar das lições respectivas; e o marido, de seu lado, enquanto o sol se punha, pitaria na varanda um cigarrinho.

Noticiários (imprescindíveis de manhã); programas variados (comandados por nomes como o de Walter Silva e Enzo de Almeida Passos); seriados (“Jerônimo, o herói do sertão”, no cair da tarde); os humorísticos (dentre os quais o já referido *Balança*); as novelas, emocionantes e noturnas novelas (“Direito de nascer”; “Mulheres de bronze”); bem como o sagrado futebol nos domingos, terrenos em que pontificaram Fiori Gigliotti, Geraldo José de Almeida, Pedro Luiz e, nem menos nem mais, que o compositor-mor Ary Barroso.

Tal cardápio radiofônico, contudo, não reinava livre e lampeiro. Naquele universo – em que a dita ferramenta que ganharia o nome de internet não passava inda de longínquo lampejo – a chamada mídia impressa ganhava cada vez mais força.

Revistas semanais (*O Cruzeiro*, *Manchete*, *Mundo Ilustrado*) angariavam leitores e assinantes pela praticidade de seu conteúdo e formato. Bem mais manuseáveis que jornais, continham resumos da semana, seções fixas (Millôr Fernandes, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos,

entre outros) e eram duráveis e decorativas: ninguém em sã consciência pensaria em usá-las para forrar gaiola.

Quanto aos jornais propriamente, pequeno não era o número de assinantes (bancas eram raridades em cidades do interior). Eventos curiosos registravam-se a respeito.

Cidadão um a reclamar de atraso da entrega, o que o impedia de desempenhar a contento seu matinal descarrego no dito vaso sanitário.

Já um outro, dentista, a se ver desacoroçoado diante da tarefa diária (à exceção das segundas, quando os jornais na época não circulavam) de empreender a leitura integral, minuciosa – ele queria ver valer seu rico dinheirinho – das em média 48 páginas do jornalão que assinara.

Não que naqueles tempos o tempo sobrasse ou passasse com mais vagar: seu preenchimento é que era outro. Automóveis e telefones particulares eram raridades. Shoppings centers e supermercados inexistiam, bem como ubers, celulares, redes sociais e toda a sua vasta gama de opções (WhatsApp, Instagram, Twitter, LinkedIn e por aí).

46

Ninguém se sentia obrigado a se manter ligado, conectado com o minuto presente, com minuto seguinte e a dizer ‘presente’ a cada instante, meio que pra garantir e reafirmar sua física presença nesse mundo virtual.

E o que é que o Jacó teria a ver com tudo isso?

E que Jacó seria esse?